

As Traduções de Camões no Século XX

VIRGÍNIA MARIA ANTUNES DE JESUS
F.I.Rio Branco, Centro Universitário São Camilo, FFLCH/ ECA USP – Brasil

Luís Vaz de Camões
(1524?-1580)

Luís Vaz de Camões, o príncipe dos poetas portugueses, nasceu provavelmente em Lisboa em 1524 e aí morreu em 1580. Em 1572 teve publicada sua obra *Os Lusíadas*, que, após passar pelo crivo da Inquisição, consolidou a Língua Portuguesa e é considerada o poema épico nacional lusitano.

Sua epopeia foi traduzida para todas as línguas, sem exceção, inclusive para a Língua Portuguesa. O épico da raça escreveu os dez cantos – as 1102 estrofes em oitava rima ou os 8816 versos – que constituem *Os Lusíadas*, tendo como modelo as epopeias clássicas, especialmente Virgílio e horacianamente – imitando e buscando superar seu modelo – compôs sob a égide do Latim, com a sintaxe da Língua Latina, com um léxico extremamente erudito e, evidentemente, sem as notas de rodapé explicativas seja da sintaxe, da estilística ou das citações mitológicas como nas edições mais modernas. Portanto, dado o estágio do contexto sociocultural português no século XVI, ninguém na sua época deve tê-lo entendido e sequer, lido.

Sua lírica desapareceu e ainda hoje discute-se o *cânon* desses textos, o que seria realmente dele, tantas as leituras e modificações que sofreu. Assim escreve Diogo do Couto (1542 – 1616), historiador português: “*roubaram-lhe ainda o seu livro de versos, e foi furto notório,... Nunca se descobriu o roubador, e Camões não chegou a ver impressa a sua poesia lírica*”.

E é desse texto ininteligível que se cria o mito do mais representativo poeta português, o autor de uma epopeia que quase ninguém leu, mas todos sabem que existe. Como a obra, sua vida também não pôde ser lida e entendida, porque pouco (re)conhecida e documentada. Assim, Luís Vaz de Camões supera suas reais dimensões e conquista uma identidade literária que se foi fazendo passível de traduções.

Acredita-se que tenha estudado na Universidade de Coimbra, onde se teria formado em Artes. Apesar de não ser rica, sua família frequentaria a corte, o que lhe valeria a oportunidade de aproximar-se de Dom João III. Entretanto, uma aventura amorosa com Catarina de Ataíde, uma das damas da rainha, o teria levado ao desterro no Ribatejo...

Toda biografia de Camões deve ser escrita com advérbios que indicam a possibilidade ou a dúvida e com verbos no futuro do pretérito (tempo verbal que expressa a ideia de uma ação que ocorreria desde que certa condição fosse atendida), ou seja, oficialmente, quase nada se sabe sobre ele. Existem pouquíssimos documentos a atestarem fatos que comprovam sua existência: um alvará de 23 de setembro de 1571, que permitia a impressão de *Os Lusíadas*, a publicação em princípio de julho de 1572; o documento que, em 28 de julho de 1572, lhe concede a tença de 15.000 réis pela sua *habilidade e suficiência* durante três anos; e a renovação a 2 de Agosto de 1575... A comprovar sua morte há um cenotáfio, um túmulo vazio no Mosteiro dos Jerônimos, visto que seus ossos se perderam no terremoto de Lisboa em 1755;

a seu lado, o túmulo de seu grande herói, Vasco da Gama, próximo, o de Alexandre Herculano e não distante, no vizinho convento, os restos mortais de Fernando Pessoa. É a morte a nivelar no tempo e no espaço *aquelles que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando*.¹

Camões é antes personagem literária, que ser humano. Sua biografia faz-se de sua obra e pelo que escreveram sobre ele outros autores. Os biografemas (dados biográficos que fazem parte do percurso de um autor) tornam-se, assim, bibliografemas, dados bio e bibliográficos, ou seja, fatos e feitos da vida e da obra de um autor que vai sendo mitificado pelo uso intencional que fazem dele.

A necessidade de traduzir vida e obra de Camões impôs-se como necessária desde sua morte em 1580, ano em que, coincidentemente, Portugal passa para o domínio espanhol com o desaparecimento de Dom Sebastião na batalha de Alcácer Quibir (1578) e de seu sucessor e tio-avô Cardeal Regente Dom Henrique (1580), que também não deixa herdeiros.

Haveria texto melhor que *Os Lusíadas* para sustentar uma nação gloriosa, rica e poderosa, agora simplesmente anexada à arquinimiga Espanha? Para cultivar a identidade da raça portuguesa? Certamente não. Assim, a epopeia camoniana passa a ser estandarte de uma grandeza que começa a fazer-se distante e, sem ser lido, Camões e *Os Lusíadas* passam a ser traduzidos conforme os interesses e ou intenções do tradutor. No século XX, António de Oliveira Salazar (1889-1970), em seu período de governo ditatorial, frequentemente valia-se dos escritos camonianos em seus discursos em nome da RAÇA, da LUSITANIDADE.

Inúmeros autores escreveram acerca do poeta: seus contemporâneos, Bocage no século XVIII, entretanto, é no século XIX do Romantismo, que ele será convenientemente traduzido, segundo os objetivos do liberalismo político. Citamos alguns exemplos: o *Plutarcho portuquez*; *Camões*, de Almeida Garrett; *Camões*, drama do visconde de Castilho, representado no Brasil, e impresso em 1849; *Camões*, drama de Cipriano Jardim, representado no teatro de D. Maria, por ocasião das festas do terceiro centenário, em 1880; *Historia de Camões*, pelo Dr. Teófilo Braga; *Diccionario bibliographico*, tomos 5, 14 e 15; *Luiz de Camões*, romance histórico de António de Campos Júnior; Camilo Castelo Branco, «Luís de Camões: Apontamentos Biográficos». Prefácio da Edição do *Camões* de Almeida Garrett com notas de Teófilo Braga.

Já no século XX, a partir da década de 60, surge na literatura e mais especialmente na dramaturgia portuguesa uma tendência de reler a história, o velho drama histórico romanticamente idealista cede lugar ao Teatro da História, conforme denominação do professor de teatro da Universidade de Coimbra, José de Oliveira Barata. Dessa forma, com um procedimento poder-se-ia dizer pedagógico, o teatro passa a “ensinar” textos dos grandes autores e contextos históricos com uma tradução critico-revisionista.

Helder Costa em 79, escrevera *A Viagem, Camões – poeta práctico*, onde traduz num texto para ser encenado, não para ser lido, a imagem do poeta e do dramaturgo, salientando as pressões e concessões a que foi submetido e obrigado, para ver publicado seu livro. O texto foi encenado em 1982 pela Comuna Teatro de Pesquisa.

¹ *Os Lusíadas*, canto primeiro, 2ª estrofe, versos 5 e 6.

Em 1980, como no século anterior comemorara-se o terceiro, festejou-se solenemente, há pouco, o quarto centenário da morte do grande poeta da raça. Natália Correia, Jaime Gralheiro e José Saramago escreveram textos para homenageá-lo, atualizá-lo, enfim traduzi-lo para seu tempo. E vejamos como se deram essas traduções num contexto imediatamente seguinte ao do período da ditadura salazarista (1932 – 1974).

Natália de Oliveira Correia nasceu na ilha de São Miguel, Açores, em 13/09/1923 e morreu em Lisboa em 16/03/1993. Importante figura da cultura portuguesa da segunda metade do século XX, escreveu ficção, poesia, obras ensaísticas e teatro; em 1979 foi eleita deputada pelo Partido Social Democrata. A reconhecida autora traduz Camões em *Erros meus, má fortuna, amor ardente*. O título, extraído da poesia lírica, já sugere a imagem de um Camões romanticamente idealizado, seus desconcertos, seus paradoxos, seu sofrimento amoroso, sofrimento este duplo e levado a seus extremos, porque é a grande expressão do AMOR À MULHER e do AMOR À PÁTRIA. Confere-lhe uma dimensão de herói trágico, cujas *hybris* (orgulho e arrogância funesta) e *harmatia* (erro trágico de julgamento) o conduzem fatalmente a um caminho sem saída, à sua perda ou, no caso, à única saída possível - a morte. E Camões, disposto a assumir seu destino, morre para dar origem a dois mitos, o seu próprio e o mito sebástico.

*Matei-o (refere-se a Dom Sebastião) eu em criminosos versos. Incitei-o a extremos que são a abreviada do que pretendem. Os meus cantos inscientes ganharam asas negras num anjo maligno. Jaz morto...O meu coração não pode mais com o remorso. Ó musas perversas! Deste louco amante da Pátria vos servistes... Vou morrer. E verão todos que fui tão afeiçoado à minha Pátria que não só me contentei de morrer nela mas com ela...
Ao fundo, em contraluz, a silhueta de Luís de Camões funde-se num clarão que, entretanto, se foi acendendo. A imagem transmite a idéia da transformação das miséria terrenas do Poeta na espécie luminosa da sua imortalidade.*

As falas finais de Camões e a última rubrica traduzem nitidamente a intenção da autora. Natália Correia acusa-o de incitar Dom Sebastião à morte, prometendo cantar suas conquistas em terras da África nas últimas estrofes de *Os Lusíadas*. Camões aceita a culpa e se deixa morrer, assim imortalizando o Poeta e o Rei.

Jaime Gaspar Gralheiro, advogado de profissão, nasceu a 7 de julho de 1930 em São Pedro do Sul, onde reside e fundou em 1971 um Grupo de Teatro Popular – o Cénico. É um homem de teatro, a substância de seus textos são os problemas do povo português – sua situação e alienação. Comunista engajado, assume ser um dramaturgo de intervenção. Em *...Onde Vaz, Luís?* inicia a peça apresentando um cauteleiro cego a vender seus bilhetes, na

Lisboa de hoje:

*É o mil nove e oitenta,
Lotaria de Camões!
Ao rico e ao pobre contenta,
Vai dar milhões e milhões.*

*Aproveita agora, ó Zé,
Compra o bilhete da Esperança,
Porque a lotaria é*

A condição da “mudança!”

*Amanhã e que anda a roda
P’ra dividir em frações
Por toda a gente, mas toda,
A miséria de Camões...*

e, em seguida, simultaneamente, três situações: uma professora de escola pública, um professor universitário e um político, que, em seus respectivos espaços, fornecem as informações oficiais sobre o Poeta com alguns dados incorretos, dando a visão nítida que os intelectuais tanto quanto os políticos são ignorantes e a sorte do povo depende da loteria. Dessa forma faz do equívoco de uma nação o seu tema. Entra pela vida e obra de Camões, traduzindo de forma esquetejada alguns episódios.

Gralheiro mostra-nos e destrói a imagem camoniana que a perspectiva oficial fixou: Poeta da Raça, Poeta da Nacionalidade, porque cantou a heroicidade do *ilustre peito lusitano*. Assim, traduz um mito que surge da ignorância de sua vida e de sua obra. Ninguém leu *Os Lusíadas*, a obra é citada “de orelhada”, de ouvir dizer e os equívocos se vão acumulando. O dramaturgo dá um golpe mortal em Camões e na cultura portuguesa, quando coloca a professora a ensinar, ela mesma perdida, análise sintática com as oitavas rimas.

Da tradução do excelente dramaturgo surge um Camões incompreendido e ininteligível, cujo texto é ilegível, porque é um gênio. O poeta da raça é destruído para ressurgir com novo atributo: mito da erudição, que um povo inculto é incapaz de ler.

José Saramago, nasceu no Ribatejo em 1922. O Prêmio Nobel de Literatura de 1988 dispensa apresentações. Em *Que farei com este livro?*, calcado em escritos de Aquilino Ribeiro, apresenta-nos as dificuldades e humilhações por que Camões passou para ver seu livro publicado; suas peregrinações em busca de patrocínio e o descaso do Terceiro Conde de Vidigueira, neto de Vasco da Gama e do próprio Dom Sebastião, que, apesar de *Os Lusíadas*, escolheu oficialmente Diogo Bernardes, não Luís Vaz, para escrever e eternizar suas malfadadas e latentes façanhas na África. Tendo como modelo a Inquisição cria um intertexto com a ditadura e a censura, apresenta-nos um Camões que, ao voltar das Índias, não mais reconhece a Pátria que cantou, seus desencantos, as mudanças, supressões e acréscimos que foi obrigado a fazer no texto, seu desalento, sua renúncia aos direitos autorais para finalmente vê-lo impresso. No último quadro da peça, escreve Saramago:

Servente: Senhor Luís de Camões, agora mesmo ia eu a vossa casa. Mas já que vos encontrei, aqui tendes o que vos manda mestre António Gonçalves. É o primeiro que acabamos (retira-se).

Luís de Camões: (Segurando o livro com as duas mãos) Que farei com este livro? (Pausa. Abre o livro, estende ligeiramente os braços, olha em frente) Que fareis com este livro? (Pausa)

Voz Feminina: (Leitura soletrada) Os Lusíadas...

Voz Masculina: (Idem) ...de Luís de Camões...

Voz Feminina: (Idem) ...Canto Primeiro...

*Vozes em coro: (Idem) As armas e os barões assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,*

Por mares nunca dantes navegados,...

(As vozes ir-se-ão sumindo de modo que mal seja ouvido já o verso seguinte, ao mesmo tempo que a luz vai baixando, até à escuridão, ficando apenas um projector a incidir no livro que Luís de Camões continua a segurar)

Fim

Que farei com esse livro? Camões e Saramago pedem ao público a resposta: Que fareis com este livro? Ora, que se faz com um livro, se não lê-lo? E um público/povo que mal sabe ler começa a soletrá-lo.

Conseguirá um dia ser entendido?

Francisco Maciel Silveira é professor livre docente titular da cadeira de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Fartamente laureado e reconhecido no Brasil e no exterior, poeta, ficcionista, ensaísta, crítico literário, mas essencialmente professor, é autor de vários livros de cunho didático, *Em Ó Luís, vais de Camões?* (2001), aproveitando o mote de Jaime Gralheiro (...*Onde Vaz, Luís?*) e a *equivocatio*², que o nome completo de Camões permite, nos traduz Camões e toda sua inter(con)textualidade, ao narrar as peripécias de um carnavalesco de nome Luís, cuja incumbência é colocar o ilustre poeta português na avenida.

Ó Luís, vais de Camões? (ou, para ler com lupa erudita, *Camões sob o abajur verde-rosa da arnavalização*): *equivocatio* narativo-didática é o título completo do livro e o estilo do autor permite-nos as seguintes perguntas:

- Ó Luís, vais de Camões?

- Vais? E com quem mais?

Com Diogo do Couto, Horácio, Gonçalo Borges, Catarina de Ataíde, Francisca de Aragão, Inês de Castro, Florbela Espanca, James Joyce e Virgínia Woolf, Tântalo, Pélope, Rabelais, Gargântua e Pantagruel, Frei Bartolomeu Ferreira, Martim Codax, Pero Gonçalves de Portocarreiro, Dinamene, Cícero, Calisto Elói e Camilo Castelo Branco, Platão, Beatriz e Dante Alighieri, Laura e Petrarca, Capitu e Machado de Assis, Moema, Caramuru e Santa Rita Durão, Pietro Bembo, Raquel, Lia, Jacó e Labão, Gonçalves Dias, Tintoretto, Veronese, Gutenberg, Mikail Baktin, Morfeu, Orfeu, Salazar, Velásquez, Botticelli, Rousseau, Gil Vicente, Degas, Dédalo, António José da Silva, Damião de Góis, Pedro de Andrade Caminha, Getúlio Vargas, Adolf Hitler, Ciclope, Hieronimus Bosch, Cecil B.de Mille, Cleópatra, Sophia Loren, Fernando Pessoa, Aristóteles, Simão da Silveira, Marsílio Ficino, Violante e Fernando de Noronha, António Ferreira, Lupiscínio Rodrigues, Plutarco, Antíoco, Estratonica e o Rei Seleuco, Conselheiro Acácio, Primo Basílio, Padre Amaro e Eça de Queiroz, Celso, Nicéia e Victor Pitta, Nicolau Coelho, Favônio, Ácteon, Diana, Galaaz, Benito Mussolini, Francisco Franco, Napoleão, Charcot, Pinel, Padre António Vieira, Betinho, Henfil e os fradinhos, Ícaro, Fulgêncio Batista e Fidel Castro, Rei Artur, Cármen Miranda, Bertolt Brecht, Émile Zola, Gandí, Sharon Stone, Chiquinha Gonzaga, Copérnico, Tomás de Aquino, Galileu, Stephen Crane, Vinícius de Moraes, Julia Kristeva, Amália Rodrigues, Umberto Eco, Vicente Celestino, Fernão Mendes Pinto, Heitor da Silveira, Público Cornélio Cipião, Diogo Bernardes, Eurico, o presbítero e Alexandre Herculano,

² Equivocatio, jogo de palavras, trocadilho, duplo sentido, através de homófonos, homógrafos e parônimos.

André Gide, Pietro Aretino, os reis portugueses, personagens históricos e tantas outras figuras da mitologia greco-latina e do universo cultural.

E por onde vais?

Desde Belém, em Lisboa, ao Belém paulistano, por Taprobana, pelo Indo e Ganges, por Alcobaça, pela Inquisição, pelo DOI-COD, pela PIDE, pela GESTAPO, pelos fortes Caxias e Tafarral, pelos campos de concentração nazistas, por Alcácer Quibir, pela História e pela Literatura Portuguesas e Universais, pela Teoria Literária e pelas mais modernas tendências linguísticas e pedagógicas.

Toda essa enumeração caótica poderia, também, nos fazer questionar: o que fazem figuras que, muitas vezes, nada têm a ver entre si num mesmo espaço e tempo narrativos?

A abrir o livro está a explicação do procedimento criativo:

“Douta releitura da vida e da obra camoniana, sob a óptica (ou será semi-óptica graças ao tapa-olho-direito?) do carnavalesco Luís que vai de Camões na escola G.R.C.E.S. Unidos da Lusitânia. Com direito, no final de cada capítulo, ao Mapa da Mina³. (Isto é, da Prof^a Dr^a Flávia Maria Corradin, aqui chamada pela Reis Editorial e avalizada por mim, Diogo do Coito, para extrair as preciosidades deste filão narrativo, com o intuito de enriquecer leitores porventura perdidos nas profundezas desta jazida histórico-literária, que é Ó Luis, vais de Camões?.).”

Nada mais é que a revelação das fontes, dos paradigmas que servem à intertextualidade e a concretização literal da teoria da carnavalização de Mikail Bakhtin.

O texto articula-se sobre três eixos narrativos: o do carnavalesco Luís, filho de um padeiro que, muito ligado às origens, é apaixonado por Camões e entre pedidos de pãezinhos, médias, pingados, pastéis de Belém e Santa Clara declama trechos de *Os Lusíadas*; o que recupera texto, contexto, subtexto, extratexto, enfim, tudo sobre o escritor Luís Vaz de Camões; e do narrador-personagem Diogo do Coito⁴, que, cruzando os dois eixos anteriores, vai arditamente tecendo a narrativa, entremeando trechos da obra lírica, épica e dramática, não só de Camões como de outros escritores, inter(con)textualizando fatos e feitos históricos e literários.

Em sua tradução dos bibliografemas camonianos, Francisco Maciel Silveira faz uma paródia no nível do texto. Com muito humor, malícia e criatividade, entre trocadilhos, paronomásias e jogos de palavras, o autor vai estrategicamente inserindo informações e referências culturais das quais o leitor/aluno não pode sair ileso. Chegando muitas vezes ao “escracho”, aos limites das possibilidades da linguagem, coloca vida e obra do poeta na passarela do samba, dessacraliza a sua aura e, abrangendo as outras traduções, visto ter devassado o mito de cabo a rabo, ao final do desfile, erige-o sublimado na imagem mais nítida de toda a grandeza do poeta Luís Vaz de Camões.

³ O mapa da mina conduz e explica o texto em todas as suas possibilidades, num diálogo com as imprescindíveis notas explicativas nas edições mais modernas de *Os Lusíadas*.

⁴ Remete a Diogo do Couto(1542-1616), historiador português, Cronista-mor na Índia registrou os excessos da colonização portuguesa. Amigo de Camões, encontrando-o miserável, repatria o poeta em 1567/8.

Século XXI, comunicação e tecnologia, redes sociais... *posts* e mais *posts*, *blogs* e *sites* a falar e trazer presentes grandes autores, muitas vezes a atribuir-lhes palavras que jamais escreveram. Forma moderna de alimentar os mitos (e demonstrar erudição?). Ao lado de Pessoa, Camões é um dos mais citados.

Então, perguntamos:

Que fazer com livros? Ler e entender, aprender, crescer, evoluir, atualizar... ler e entender, aprender, ...

Em verdade, quem faz a pergunta básica é José Saramago, os demais autores, conforme intenções e ideologia, buscam responder com releituras em que se estabelecem suas traduções: buscas para tornar o mito inteligível.

Para concluir, perguntamos: Os *Lusíadas*? Que fareis com esse livro?

Sugestão: ler, conseguir uma edição com notas elucidativas de todos os níveis do signo linguístico (morfológico, sintático, semântico, estilístico, pragmático...) e entender. Desvendar, fazer a própria tradução de Luís Vaz de Camões.

Sem qualquer sombra de dúvida, VALE A PENA.

Virgínia Maria Antunes de Jesus

Referências Bibliográficas

BARATA, José de Oliveira. – *Didática do Texto Dramático*. In *Cadernos de Literatura* (Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra): Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981, nº 10, p. 25-30.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. 3 ed. Porto: Livraria Simões Lopes, 1933.

_____. *Lírica*. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

CORREIA, Natália. *Erros meus, má fortuna, amor ardente*. 2ªed. Lisboa: “O Jornal”, 1991.

GRALHEIRO, Jaime. *...onde vaz,luís?* Lisboa: Vega, 1983.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História do Teatro Português*. Lisboa: Portugália Editora, 1969.

_____. *Ricerche sul Teatro Porthoghese*. Roma: Ed. dell’Ateneo, 1969.

REBELLO, Luiz Francisco. *História do Teatro Português*. 2 ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1972.

SILVEIRA, Francisco Maciel. *Ó Luís, Vais de Camões?* São Paulo: Reis editorial, 2001.

SARAMAGO, José. *Que Farei Com Este Livro?* 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1998.